

Política



Relações
Itamaraty sob nova
gestão recupera espaço
no governo. Pág. A6

Sucessão presidencial. Descontentes com a atuação do governo Dilma no setor, dirigentes e ativistas da causa verde articulam a elaboração de uma agenda de reivindicações para os candidatos; ingresso de Marina no PSB não é uma garantia de adesão a Campos

Ambientalistas criam pontes com oposição para rivalizar pauta ruralista

Pedro Venceslau
Isadora Peron

Aliados incondicionais da ex-ministra Marina Silva na campanha presidencial de 2010, os ambientalistas agora tentam criar elos com os dois principais candidatos de oposição e se preparam para disputar espaço com os ruralistas na agenda dos candidatos em 2014. A presidente Dilma Rousseff também será procurada pelo setor, mas a candidatura à reeleição da petista será fortemente combatida.

A avaliação de dirigentes de ONGs, quadros da militância ambiental e especialistas ouvidos pelo Estado é que o atual governo esvaziou e sucateou órgãos como o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) e a Fundação Nacional do Índio (Funai), além de ter isolado a pasta do Meio Ambiente na Esplanada dos Ministérios.

“Dilma não tem pontes com o movimento ambiental. O setor está mais próximo do Eduardo Campos, mas Aécio Neves ainda tem tempo de manobra para recuperar terreno”, afirma Mário Mantovani, diretor executivo da ONG SOS Mata Atlântica, referindo-se aos prováveis candidatos de PSB e PSDB, respectivamente. “A Dilma continua sendo uma presidenta que é antes de tudo uma ministra das Minas e Energia”, emenda Sérgio Leitão, diretor de Políticas Públicas do Greenpeace.

Mantovani e o ex-secretário de Meio Ambiente de São Paulo Fábio Feldmann estão coordenando a elaboração de uma plataforma de compromissos que querem ver assumidos pelos candidatos na campanha. A ideia é preparar um documento incisivo e repleto de demandas pontuais.

Medidas. Entre elas devem constar uma tributação maior para empresas que provocarem impacto ambiental; uma legislação nos moldes da Lei Rouanet, que ofereça desconto no Imposto de Renda para empresas que doarem recursos para ONGs ambientalistas; investimentos para reforçar o Ibama e a Funai; e uma indicação clara sobre qual será a posição do Brasil na COP 21, a Conferência Anual do Clima. Programado para 2015 em Paris, o evento é considerado o mais importante desde a Conferência de Kioto.

● **Quatro anos depois**
“Sem a presença de Marina Silva na disputa como candidata, precisamos ser mais contundentes e sistemáticos. O questionamento aos candidatos será mais focado que nas últimas eleições”
Fábio Feldmann
EX-DEPUTADO FEDERAL



Relação. Parte dos ambientalistas faz críticas reservadas a Marina e esperam que parta dela iniciativa de reaproximação

OS INTERLOCUTORES

● **Fábio Feldmann**
Ex-secretário do Meio Ambiente de São Paulo e ex-deputado federal, Feldmann tem sido um interlocutor “ecumênico” entre ambientalistas e candidatos ao Palácio do Planalto. Ele já organizou um jantar com Aécio Neves e articula para 2014 eventos com Eduardo Campos e Dilma Rousseff.

● **Sérgio Xavier**
Secretário de Meio Ambiente do governador pernambucano Eduardo Campos (PSB), Xavier é o responsável por construir pontes com ONGs e lideranças ambientalistas. Militante histórico do setor, foi um dos fundadores do Partido Verde em Pernambuco e tenta aproximar a legenda da dupla Campos-Marina.

● **José Carlos Carvalho**
Ministro do Meio Ambiente na gestão do presidente Fernando Henrique Cardoso, Carvalho é o principal formulador da plataforma ambiental da candidatura de Aécio Neves à Presidência da República. Tem bom trânsito com empresários ligados a causa ambiental e com dirigentes de ONGs.

● **Zequinha Sarney**
Filho do senador José Sarney, o deputado federal permaneceu no PV depois da saída de Marina Silva em 2011. Um dos principais líderes da bancada ambientalista no Congresso, Zequinha é próximo da presidente Dilma Rousseff e declarou apoio a ela no segundo turno da eleição em 2010.

DEMANDAS

● **Lei Rouanet ambiental**
ONGs ambientalistas teriam um mecanismo de incentivo semelhante ao da Lei Rouanet, que oferece descontos no Imposto de Renda para empresas que investirem em projetos culturais.

● **Tributos**
Empresas e empreendimentos que causarem mais impactos ambientais teriam de pagar mais tributos.

● **Licenciamento ambiental**
O processo de licenciamento é o principal foco de tensão entre ambientalistas e ruralistas. Os ecologistas reclamam da falta de estrutura do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (Ibama) e da Fundação Nacional do Índio (Funai). Já os líderes do agronegócio dizem que o licenciamento é muito burocrático e atrasa investimentos.

● **Cadastro Ambiental Rural**
O cadastramento de imóveis rurais é uma exigência do novo Código Florestal. Ambientalistas cobram investimentos em estrutura para o cumprimento da regra a partir de 2014.

● **COP 21**
Para os ambientalistas, a Conferência Anual do Clima de Paris, em 2015, deve ser uma das mais importantes realizadas até hoje. O setor cobra a participação do próximo presidente no evento e a elaboração de uma densa plataforma brasileira.

● **Ministério**
Ambientalistas reclamam do esvaziamento do Ministério do Meio Ambiente.

PARA LEMBRAR

Dilma lançou plano ambiental

Para fazer frente à aliança entre a ex-ministra Marina Silva e o governador Eduardo Campos e construir pontes com os ambientalistas, a presidente Dilma Rousseff lançou, em outubro, o Plano Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica.

Com investimento inicial de R\$ 8,8 bilhões até 2015, o objetivo do plano é estimular a agricultura sustentável entre pequenos agricultores, assentados, quilombolas e indígenas.

O plano vai da produção de conhecimento à comercialização e consumo dos produtos agrícolas sem a agrotóxico. A ideia foi apresentada à presidente em 2011, quando Dilma

recebeu representantes da Marcha das Margaridas, que anualmente reúne trabalhadoras rurais em Brasília. Elas disseram à presidente que era possível colocar em prática a lógica da agricultura sustentável nos assentamentos, desde que houvesse incentivos. Outras iniciativas estão sendo costuradas pelo governo. / P.V. e I.P.

Interlocutores. Ao mesmo tempo em que tentam se aproximar do agronegócio, setor com bandeiras diametralmente opostas às ambientalistas, Campos e Aécio escalaram interlocutores para angariar apoios entre os ecologistas.

No caso do tucano, o ex-ministro do Meio Ambiente de Fernando Henrique Cardoso e seu ex-secretário da área no governo de Minas, José Carlos

Carvalho, é o principal canal de diálogo. Apesar da aliança Campos-Marina, a ex-ministra não tem ocupado esse papel – quem desempenha a função é o secretário de Meio Ambiente de Pernambuco, Sérgio Xavier.

A ausência de Marina nesse processo e a falta de propostas concretas da Rede Sustentabilidade (partido que a ex-ministra está operando dentro do PSB) para o meio ambiente são

alvo de críticas reservadas dos ambientalistas.

A avaliação é que ela precisa tomar a iniciativa de se reaproximar. “Não houve um afastamento político com Marina, mas houve um afastamento de agendas”, reconhece Mantovani. Para Márcio Santilli, coordenador do Instituto Socioambiental, o apoio dela a Campos puxa uma parte importante do setor. “A Marina vai ter influên-

cia no programa de governo. Eles poderão aproveitar isso como uma alternativa mais renovadora, olhando para frente.”

Convidado para concorrer à Presidência em 2014 pelo PV e tentar ocupar o espaço de Marina na campanha, o jornalista Fernando Gabeira não parece disposto a entrar na disputa, mas continua sendo uma voz ativa entre os ambientalistas. Ele concorda que “majoritariamente” os votos do setor vão para a oposição, mas relativiza seu poder de unidade política.

“Os ambientalistas se dividem de várias maneiras. Uns estão mais à esquerda, outros mais à direita. Tem ambientalista em todos os partidos e espectros”, afirma.



NA WEB
Vídeo. Veja entrevista com Fábio Feldmann

www.estadao.com.br/e/feldmann

* **ANÁLISE:** Daniel Bramatti

No Congresso, até ruralistas são ‘verdes’

A defesa do meio ambiente é uma bandeira difusa no mundo político brasileiro. Governantes e parlamentares que se definem como ambientalistas não se sentem obrigados a demonstrar, no dia a dia de suas atividades, envolvimento direto com a causa.

Alguém definiria como “verdes” os sena-

dores Fernando Collor (PTB-AL) e Romero Jucá (PMDB-RR)? Ou as deputadas Elcione Barbalho (PMDB-PA) e Jandira Feghali (PC do B-RJ)? Pois são todos integrantes da chamada Frente Parlamentar Ambientalista, uma das maiores bancadas temáticas do Congresso. Nada menos que 175 deputados e 11 senadores integram o grupo, criado em 2011 e coordenado por Sarney Filho (PV-MA). Quase um terço do Congresso, portanto. Estão lá parlamentares de 20 partidos, do DEM ao PSOL, do PT ao PSDB.

Mas esse grupo atua, na prática, como

uma bancada? A resposta é não. E isso fica claro a partir de análises feitas com o Basômetro – ferramenta online desenvolvida pelo Estadão Dados que mostra o comportamento de indivíduos e partidos nas votações realizadas na Câmara e no Senado.

Os dados mostram que os autoproclamados ambientalistas não apresentam um padrão similar de votação, nem mesmo quando o projeto em questão está diretamente relacionado ao meio ambiente. O exemplo maior é o do Código Florestal. Em abril de 2012, a maioria dos parlamentares da Fren-

te Ambientalista se alinhou aos ruralistas na tentativa de derrubar o projeto do governo nas votações ocorridas na Câmara.

O fato é que as divergências entre ambientalistas e ruralistas, tão frequentes e acirradas no mundo das ONGs e entidades representativas, não se manifestam da mesma maneira no Congresso. Isso só poderia acontecer se parlamentares tivessem dupla personalidade. Afinal, 107 deputados integram tanto a Frente Parlamentar Ambientalista quanto a Frente Parlamentar da Agropecuária – nome oficial da bancada ruralista.